

No Amazonas, uma palavra para o índio

MANAUS — Ontem à noite, pouco depois de chegar a esta cidade, procedente de Fortaleza, o Papa João Paulo II, ao se referir às populações indígenas, pediu que seja respeitado o direito de elas habitarem as terras de que são donas "na paz e na serenidade, sem o temor — verdadeiro pesadelo — de serem desalojados em benefício de outros."

O Papa elogiou o trabalho da Igreja a favor das populações indígenas e frisou esperar para a questão "complexa e espinhosa" uma "resposta ponderada, oportuna, inteligente, para o benefício de todos. Assim se respeitará e favorecerá a dignidade e a liberdade de cada um de vocês como pessoa humana."

Eis a íntegra da saudação, lida na catedral de Manaus:

A Providência Divina foi mais uma vez bem generosa para com o Papa, reservando-lhe, depois de um mundo de alegrias, a alegria suplementar de vir concluir aqui, em Manaus, no coração do fabuloso Amazonas, o intenso programa desta visita pastoral. Eu lhe sou profundamente agradecido de encontrar-me convosco, neste cenário que fala do Criador e proclama que é "ele o único que faz grandes maravilhas" (Sl. 135,4) e levo ao Deus uno e trino, em nome do qual aqui me encontro, louvor e homenagem.

Sinto-me feliz por poder encontrar-me com a Igreja — tão marcadamente missionária — desta região, com a sociedade civil, seus governantes e representantes e, de modo particular, com esta simpática e significativa representação dos índios. Muito obrigado pela calorosa acolhida de todos, bem expressas nas palavras bondosas do senhor arcebispo administrador apostólico.

Presente por toda parte, o Senhor quis estar presente aqui no meio de nós por outras maneiras particulares: realmente presente em corpo, sangue, alma e divindade na Santíssima Eucaristia que celebraremos. Presente na sua palavra, confiada à Igreja como depósito e patrimônio, palavra da vida e da verdade que o Papa também aqui deseja anunciar, presente no Vigário de Cristo, ao qual foi dado o poder de "apascentar as suas ovelhas e os seus cordeiros" (Cf. g'jo." 21, 15 SS). Presente em cada um dos seus "santos", isto é, daqueles que vivem a vida divina, presente na comunidade dos que aqui nos congregamos em seu nome, e presente, enfim, nos "pequenos", naqueles "pobres em espírito" que o Senhor proclama bem-aventurados (Cf. "Mt." 5, 3), porque vazios de si mesmos para acolher o Reino e porque com eles o Senhor de algum modo se identifica: "cada vez que fizestes a cada um destes meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes" ("Mt." 25, 40).

Presentes a ele e N'Ele unidos pelo vínculo da caridade, que seja o Senhor a falar-vos por "Pedro": a ele empresto minha voz e meu visível afeto para que a todos chegue um sinal do seu amor.

Uma saudação, antes de mais ninguém, os meus amados irmãos no Episcopado, que colegialmente unidos comigo partilham a solicitude de todas as Igrejas. Com eles saúdo a coroa de sacerdotes, diocesanos e religiosos. Vós sois um dom de Deus à sua Igreja. Pelo sacramento da ordem o Senhor que vos escolheu e chamou vos consagra por um novo título para serdes servidores do seu evangelho de salvação (Cf. "Gal." 1,7). Ilumina-nos a todos a visão da Igreja, como Cristo a quis, universal, revestindo embora em cada parte do mundo aspectos e expressões exteriores diversas, sempre una e única. Por isso, enquanto procurais estar bem próximos do povo e dos seus problemas fazeis bem em cultivar a unidade eclesial, "arraigados e fundados na caridade" (Cf. "Ef." 3, 17).

Saúdo-vos também — sabeis com quanta afetuosidade — a vós queridos religiosos e religiosas. Por vossa consagração entregastes vossa vida nas mãos do Senhor. Deixai-vos moldar por ele, na intimidade que se alimenta com o coração "em espírito e verdade", como o Pai quer os seus adoradores. Seja o espírito de amor a conduzir-vos sempre, pelas vias da ascensão espiritual, com pobreza simples, obediência generosa e castidade transparente.

A vós todos, igualmente, amados filhos, quer ocupéis cargos de responsabilidade quer vos entregais aos trabalhos mais simples como cristãos, a todos se estende a mesma afetuosidade saudação. Em união direta com os vossos pastores e na comunhão de toda a Igreja, sois aqueles que na realidade do dia-a-dia dais no vosso ser e agir e traduzis em vida, o testemunho da boa-nova. Olhai para Cristo, o nosso modelo e mestre: Ele passou "fazendo e ensinando" (Cf. "At." 1,1). Ele nos recorda a todos o dever da fidelidade à vocação recebida de Deus e aos compromissos pessoalmente assumidos no batismo. Para cumprí-los somos continuamente enriquecidos com graças sobre graça.

Recordo-vos, nesta circunstância, que uma só coisa é necessária: A coerência com o ser cristão, a fidelidade ao amor com que Deus nos amou primeiro e espera o nosso amor. A verdade é que somos chamados todos — não tenhamos medo da palavra — à santidade (e o mundo hoje precisa tanto de santos), uma santidade cultivada por todos, nos vários gêneros de vida e nas diferentes profissões, e vivida segundo os donos e as funções que cada um recebeu, enveredando sem hesitação pelo caminho da fé viva, que suscita a esperança e opera pela caridade (Cf. Cons. "Iumen Gentium", n. 41).

A última — mas cordialíssima — saudação vai para os amados índios, aqui presentes e aqui representados. Vocês são uma presença particularmente grata para o coração do Papa.

E que vos direi? Que a Igreja vos dispensa profunda estima, por aquilo que sois e por aquilo que há em vós, como pessoas humanas, também vós "chamamos a serdes de Jesus Cristo" (Cf. Rom. 1,6). Sei com quanto respeito e solicitude a Igreja procura dedicar-se hoje a vocês como se dedicou, desde a descoberta do Brasil a vossos antepassados. O bem aventurado José de Anchieta é, neste sentido, o pioneiro e de certo modo o modelo de gerações e gerações de missionários jesuítas, salesianos, franciscanos, dominicanos, missionários do Espírito Santo ou do precioso sangue, beneditinos e tantos outros totalmente devotados a vocês. Com meritória constância eles procuraram comunicar-lhes com o Evangelho toda ajuda possível em vista de sua promoção humana.

Confio aos poderes públicos e outros responsáveis os votos que, neste encontro com vocês, eu faço de todo o coração em nome do Senhor: que a vós, primeiros habitantes desta terra, seja reconhecido o direito de habitá-la na paz e na serenidade, sem o temor — verdadeiro pesadelo — de serem desalojados em benefício de outrem mas seguros de um espaço vital que será base não somente para a sua sobrevivência mas para a preservação de sua identidade como grupo humano. A esta questão complexa e espinhosa almejo uma resposta ponderada, oportuna, inteligente, para o benefício de todos. Assim se respeitará e favorecerá a dignidade e a liberdade de cada um de vocês como pessoa humana.

Envio desta catedral, saudações cordiais também a toda a população desta hospitaleira cidade e de todo o Amazonas e territórios e estados vizinhos, pensando em particular nas comunidades católicas das dioceses e prelazias desta parte Norte do Brasil. E num pensamento afetuosamente envolvo ainda os que sofrem, no corpo ou na alma. Cristo seja a sua esperança e a paz.

E que a paz de Deus desça sobre todos vós e sobre cada habitante desta cidade e sobre todos os que vivem e labutam nestas maravilhosas terras brasileiras.